HENRI DE LUBAC

Paradoxo e mistério da Igreja

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lubac, Henri de, 1896-1991

Paradoxo e mistério da Igreja / Henri de Lubac ; tradução Felipe Sardinha Bueno. - São Paulo : Paulus, 2025. (Coleção Grandes Teólogos dos séculos XX e XXI)

Bibliografia ISBN 978-85-349-5814-1

Título original: Paradoxe et mystère de l'Église

1. Eclesiologia 2. Igreja Católica 3. Vaticano II, Concílio Ecumênico (1962-1965) I. Título II. Bueno, Felipe Sardinha III. Série

25-3723 CDD 262.7

Índice para catálogo sistemático: 1. Eclesiologia

Coleção Grandes teólogos dos séculos XX e XXI

- · O Deus de Jesus Cristo, Walter Kasper
- Evangelho e dogma: fundamentos da dogmática volume 1, Walter Kasper
- Evangelho e dogma: fundamentos da dogmática volume 2, Walter Kasper
- Igreja volume I, Hans Küng
- Igreja volume II, Hans Küng
- · Jesus, o Cristo, Walter Kasper
- · A Igreja Católica, Walter Kasper
- · As Igrejas particulares na Igreja universal: a maternidade da Igreja, Henri de Lubac
- · Por uma Igreja mais humana, Edward Schillebeeckx
- Paradoxo e mistério da Igreja, Henri de Lubac
- No coração da liturgia cristã, Yves Congar
- A Escritura na Tradição, Henri de Lubac
- A humanidade e a encarnação de Deus: estudos sobre os fundamentos da dogmática, da cristologia, da antropologia teológica e da escatologia, Karl Rahner
- Renovação da Igreja: estudos sobre a teologia pastoral e a estrutura da Igreja, Karl Rahner
- Catolicismo: os aspectos sociais do dogma, Henri de Lubac

HENRI DE LUBAC



TRADUÇÃO: Felipe Sardinha Bueno



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Paradoxe et mystère de l'Église* © 2010, Les Éditions du Cerf – Paris

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme Lucas Giron Carlos Antônio S. Maia Luiz Henrique Ribeiro Lima **Design** Julia Ahmed

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2025



Conheça o catálogo PAULUS acessando: paulus.com.br/loja, ou pelo QR Code. Televendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11 © PAULUS - 2025

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil) Tel.: (11) 5087-3700 paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5814-1

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO BRASILEIRA Prefácio	7 9
CAPÍTULO SEGUNDO COMO A IGREJA É ELA MESMA UM MISTÉRIO?	23
CAPÍTULO TERCEIRO A CONSTITUIÇÃO " <i>Lumen gentium</i> " e os padres da igreja	41
I. DOS PADRES AO VATICANO II	41
II. A IGREJA COMO MISTÉRIO	45
III. O POVO DE DEUS	50
IV. PERSPECTIVA ESCATOLÓGICA	56
V. A IGREJA E A VIRGEM MARIA	63
CAPÍTULO QUARTO AS RELIGIÕES HUMANAS SEGUNDO OS PADRES	75
CAPÍTULO QUINTO Paulo VI, o peregrino de Jerusalém	103
CAPÍTULO SEXTO UM TESTEMUNHO DE CRISTO NA IGREJA: HANS URS VON BALTHASAR	111
CAPÍTULO SÉTIMO A SANTIDADE DO AMANHÃ?	129



APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO BRASILEIRA

Certamente o significado do conceito "Igreja", ao ser examinado nos ambientes diversificados da vivência espiritual dos fiéis, assim como em uma enquete informal, poderá colher resultados semânticos distintos. Para alguns, a Igreja é imediatamente associada à figura de um templo religioso, a uma associação de pessoas que empaticamente se reúnem para celebrar seu culto sagrado, a uma organização caritativa, ou mesmo a um espaço de cultivo de costumes e princípios que constituíram certas nuances civilizacionais. A esses elementos, esta obra do célebre teólogo francês vem trazer um "fator identitário eclesial" ainda mais profundo, analisado a partir da leitura de importantes nomes da Tradição, sobretudo da Patrística, e do magistério proeminente do Concílio Vaticano II: Igreja enquanto mistério.

A terminologia "mistério" ressoa o que foi vivido desde as primeiras comunidades cristãs como algo que se desvelava parcialmente, isto é, ora escondido, ora visível. O termo traz consigo esse aparato sacral sublime, em vínculo estreito ao inefável da criação e ao projeto de salvação de todos os povos.

Igreja, enquanto mistério, insere-se nesse paradigma missionário de seu caráter: promoção do projeto de Deus, que entra em contato com seu povo, liberta-o, santifica-o, e escolhe-o para constituir um mundo renovado. Se esse mistério é obnubilado pelos pecados dos membros de seu corpo institucional, é por causa do paradoxo da humanidade, a qual ainda que em muitas ocasiões busque seguir retamente os preceitos e os desígnios de seu Deus, em não poucas vezes falha em corresponder a esse chamado, entrando de modo dicotômico em um testemunho contrário àquilo que professa espiritualmente na doutrina que assumiu conscientemente.

Essa dimensão mistérica poderá ajudar aqueles que com sincero coração pretendem encarnar em suas vidas a dignidade de eleitos, manifestada no batismo, por mais contrariedades que possam ser presenciadas no decorrer de sua história. A Igreja contemplará de outra parte a virtude de seus santos, que a fortalecem na credibilidade em um mundo sedento pelo Deus vivo e verdadeiro.

A primeira edição deste texto foi publicada na efervescência da conclusão das sessões conciliares do Vaticano II, dois anos após seu *gran finale*, em 1967. Mostra-se uma produção permeada de preocupações, inquietações, medos e sonhos do período de renovação da práxis eclesial em todo o *Orbe*.

Permeado de temas afins ao que se ratifica no Concílio, como o sentido da Tradição, o texto é profundamente fiel ao contexto de conflitos e ideais da época, ponderando o que continuar e com o que romper. Isso origina uma problemática ainda atual, apesar de mais de cinquenta anos passados: Qual seria o papel e o lugar da Tradição da Igreja e como ela poderia ser compreendida em comunhão com a caminhada dos seus integrantes em tempos tão exigentes?

Henri de Lubac provoca-nos, enquanto assembleias de batizados comprometidos com o Evangelho, a partir de sua visão ponderadamente crítica e repleta de "sabedoria pneumatológica" de alguém que se dedicou a estudar, pregar e contemplar os conteúdos mais íntimos da fé cristã.

Suas discussões tornam-se atuais, sobretudo em um período tão polarizado na sociedade brasileira, refletido nas estâncias eclesiais distintas. Ao ler esta obra, muitas respostas estarão disponíveis, de fato, mesmo no âmbito pastoral, a partir da investigação de sua real identidade. Mas também surgirão dúvidas, que poderão ser sanadas num caminho pessoal de descoberta das belezas e das rugas da esposa de Cristo, a Igreja, a qual permanece firme na continuação de seu mandato apostólico de anúncio do Senhor até que Ele venha definitivamente.

Aventuremo-nos neste clássico da teologia sistemática do século XX, que nos inspira ainda a seguir os sonhos que o último concílio ecumênico permitiu resgatar. Em fidelidade aos ensinamentos dos pilares de nossa doutrina, e com inspiração para respostas novas a oportunos momentos emergentes, lancemo-nos na Igreja, com a Igreja, e pela Igreja no projeto amoroso divino de integração de sua criação paradoxalmente ferida ao seu mistério redentor e impulsionador de esperança e de transformação daquilo que se faz necessário contemporaneamente.

Pe. Felipe Sardinha Bueno

PREFÁCIO

Cada um dos sete textos aqui reunidos se inscreve no espaço do recente Concílio e mais precisamente da constituição Lumen Gentium (nós tratamos, além disso, das constituições Dei Verbum e Gaudium et Spes). É dessa ocasião compartilhada que vem em primeiro lugar sua unidade. É também, e mais importante, o resultado de uma inspiração comum ou, se preferirmos, de uma preocupação comum. Nenhum deles tem a pretensão de apresentar os resultados de uma nova pesquisa crítica, nem de enfrentar diretamente os sérios problemas doutrinários que recentemente foram apresentados de forma mais aguda à consciência dos fiéis.

Nenhum deles trata explicitamente das tarefas complexas e delicadas com as quais estamos comprometidos pela renovação à qual toda a Igreja é chamada. Sem negar a possibilidade de expressar uma opinião, aqui ou ali, sobre uma das questões que atualmente são objeto de controvérsia, não quisemos entrar no cerne da questão.

O objetivo deste pequeno volume não é menos atual. Apesar da variedade de aparência devido à diversidade das reuniões sobre as quais foram originalmente redigidos, os textos que o compõem tendem a um único objetivo. Procuramos destacar, lembrando-nos delas, algumas verdades muito simples, ligadas, em sua maioria, aos próprios fundamentos da fé e da vida cristãs, e que gostaríamos de poder dizer que são comuns.

Mas o que, em outras circunstâncias, poderia ter parecido banal ou conformista, talvez agora apareça sob uma luz diferente... No entanto, estamos confiantes de que aqueles que, com um coração sincero, estão trabalhando na Igreja para sua renovação, mesmo que rejeitem uma ou outra opinião expressa neste livro, entenderão e aprovarão o espírito que o ditou.¹

O primeiro capítulo é uma meditação lida durante uma vigília no Congresso Teológico de Notre Dame (Indiana, Estados Unidos), em março de 1966. Os capítulos II e III desenvolvem comunicações apresentadas nos congressos teológicos de Roma (setembro de 1966) e de Notre Dame. O quarto apareceu de forma mais curta no Bulletin du Cercle Saint Jean-Baptiste (setembro de 1966). Os capítulos V, VI e VII reproduzem três artigos que apareceram em Christus (dezembro de 1964), Civitas (Lucerna, julho de 1965) e Recherches et Débats (setembro de 1966).

CAPÍTIII O PRIMFIRO PARADOXO E MISTÉRIO DA IGREJA

Na reflexão que todo cristão faz sobre a Igreja no decorrer de sua vida, pode ser uma boa ideia (especialmente se ele for um teólogo) interromper, pelo menos de vez em quando, os estudos críticos, as análises sociológicas, as exegeses, as teorias, as discussões, em resumo, toda a atividade de raciocínio e de teologia investigativa, para voltar a um olhar contemplativo sobre o objeto de seu estudo, um olhar mais próximo do que uma tradição antiga e venerável costumava chamar de "teologia".

Isso pode ser bom, e às vezes até necessário, se for verdade que o Alfa e o Ômega desse grande objeto pode ser resumido em uma palavra: mistério. De Ecclesiae mysterio: este é, como sabemos, o título adotado para o primeiro capítulo da recente constituição conciliar Lumen Gentium. Entretanto, para nos introduzirmos, começaremos com uma abordagem mais modesta. Antes de contemplar o mistério da Igreja, meditaremos em seu paradoxo.

A linguagem e a forma de sensibilidade dessa meditação são incomuns para muitos de nossos irmãos não católicos; portanto, eu pediria a eles, se por acaso a lerem, que a considerem com paciência como um testemunho. Que realidade paradoxal é essa Igreja, em todos os seus aspectos contrastantes! Que imagens irredutíveis a história nos oferece! Em um espaço de quase vinte séculos, que mudanças ocorreram em seu comportamento, que desenvolvimentos estranhos, que tumultos, que metamorfoses! Mas mesmo hoje, e apesar das novas condições de um mundo que tende a se uniformizar, que distância, às vezes - para não mencionar as separações resultantes de rupturas -, entre as comunidades cristãs das várias origens, em sua mentalidade, em sua maneira de viver e pensar sobre sua fé!

Além disso, ao mesmo tempo e no mesmo lugar, às vezes não vemos grupos ou indivíduos, cada um afirmando fazer parte da Igreja com tanta energia quanto o outro, cada um declarando igual fidelidade a ela, havendo oposição em quase todos os aspectos? É a tal ponto que um bom observador foi capaz de afirmar que a profissão de fé católica, longe de ser um princípio de unidade, parecia antes ser um princípio de divisão.

A Igreja... Mas quando procuro vê-la por mim mesmo, onde posso encontrá-la? Que características devem compor seu semblante? Será que todos esses elementos díspares, cada um deles pertencente a ela, podem mesmo compor um mesmo rosto? Sim, acho que sim, ela é complexio oppositorum; mas então, à primeira vista, não tenho que admitir que o choque de opostos escondesse de mim a unidade do complexio? Será que isso vem apenas dos sucessivos fatores sob os quais eu a observo?

Não é em si mesmo que os incompatíveis existem? Dizem-me que ela é santa, e eu a vejo cheia de pecadores. Dizem-me que sua missão é libertar o homem das preocupações terrenas, lembrá-lo de sua vocação eterna, e eu a vejo constantemente ocupada com as coisas da terra e do temporal, como se quisesse nos estabelecer ali para sempre.

Tenho a certeza de que ela é universal, aberta como a inteligência, e como a caridade divina, e muitas vezes vejo que seus membros, por uma espécie de fatalidade, timidamente se recolhem em grupos fechados, como fazem os humanos em toda parte. Ela é proclamada imutável, a única força estável acima do turbilhão da história, e de repente, diante de nossos olhos, desconcerta muitos de seus fiéis pela urgência de suas renovações...

Sim, o paradoxo da Igreja. Não se trata de um jogo de retórica vã. É o paradoxo de uma Igreja feita para uma humanidade paradoxal, e que às vezes se adapta muito bem a ela. Ela abraça suas características, com todas as suas complexidades e inconsequências – com as infinitas contradições que existem no ser humano.

Vemos isso em todos os séculos, e os especialistas em crítica e panfletagem – uma tendência em proliferação, infelizmente – podem ter um dia de glória! Desde seus primeiros dias, quando mal se estendia além dos limites da velha Jerusalém, a Igreja já refletia as características – as misérias – de nossa humanidade comum.

Mas ajustemos nosso olhar. Tentemos atravessar o excesso de aparências superficiais. Vamos nos livrar da iluminação quantitativa que sempre mascara o essencial. Pois o essencial nunca está nos números, nem nas primeiras aparências. Descobriremos então o próprio paradoxo da Igreia, e esse paradoxo nos introduzirá em seu mistério. Ela é humana e divina, concedida de cima e de baixo.

Os homens que a compõem resistem, com todo o peso de uma natureza acentuada e ferida, à vida que ela se esforça para fazer penetrar neles. Ela é atormentada pelo passado, recolhendo-se em um memorial que sabe que contém aquilo que nunca será superado, e ao mesmo tempo se estende em direção ao futuro, exaltando-se na esperança de uma consumação inefável, da qual nenhum sinal sensível lhe dá um vislumbre.

Destinada, em sua forma atual, a passar em sua totalidade, como "a figura deste mundo", está destinada, de acordo com o que é em seu íntimo, a permanecer em sua totalidade, a partir do dia em que o que é será manifesto. Múltipla e multiforme, ela é, ainda assim, una, isto é, pertencente à mais ativa e exigente unidade. É um povo, uma grande multidão anônima, e ainda assim - como posso encontrar outra palavra? – o mais pessoal dos seres.

Católica, isto é, universal, ela quer que seus membros estejam abertos a todos e, no entanto, só é plenamente ela mesma quando se recolhe na intimidade de sua vida interior e no silêncio da adoração! Ela é humilde e majestosa. Faz questão de integrar toda cultura e elevar todo valor em seu interior e, ao mesmo tempo, quer ser o lar dos pequenos, dos pobres, da multidão sempre simples e miserável. Não cessa um só instante - caso contrário seria a sua morte, e ela é imortal – de contemplar Aquele que é ao mesmo tempo o Crucificado e o Ressuscitado, o Homem das Dores e o Senhor da Glória, o Vencido do Mundo e o Salvador do Mundo – o seu esposo sangrento, o seu Mestre triunfante -, o Coração aberto e sempre infinitamente secreto, do qual recebeu a sua existência e do qual se elevou.

É desse lugar que ela tirou sua existência e do qual tira, em cada momento de sua história, a vida que deseja comunicar a todos. Como podemos captar essa Igreja, como podemos compreendê-la? Quanto mais meu olhar tenta chegar a um acordo com ela, quanto mais eu descarto representações enganosas, mais sua verdade profunda irrompe diante de meus olhos - e menos eu sei como defini-la.

Se eu pedir a ela que me dê sua própria definição, ela me falará com uma profusão de imagens, tiradas de sua velha Bíblia, que eu sinto não serem meras ilustrações pedagógicas, mas alusões a uma realidade que sempre permanecerá indiscutível, em seu ponto focal, para minha inteligência natural. Sim, mesmo depois de ela ter acabado de me responder com um esforço redobrado de clareza lógica e precisa, como nunca havia feito antes, nessa constituição *Lumen Gentium*, se eu me comprometer a meditar sobre ela, mergulharei em um mistério, cuja obscuridade não pode ser dissipada.

Meu olhar, no entanto, não me enganou. Ele me revelou algo, que precede toda reflexão e que toda reflexão confirma. Posso resumir esse algo em uma palavra, a mais simples, a mais infantil, a primeira de todas as palavras: a Igreja é minha mãe. Sim, a Igreja, toda a Igreja, a Igreja das gerações passadas, que me transmitiu sua vida, seus ensinamentos, seus exemplos, sua moral, seu amor – e a Igreja de hoje.

Toda a Igreja, não apenas a Igreja oficial, ou a Igreja docente, ou, como ainda dizemos, a Igreja hierárquica, a Igreja que ocupa os cargos que lhe foram confiados, mas, de forma mais ampla, mais simples, a "Igreja viva": a Igreja que trabalha e reza, que age e medita, que se lembra e busca; a Igreja que crê, espera e ama; que, nas mil situações da vida, tece laços visíveis e invisíveis entre seus membros; a Igreja dos humildes, próxima de Cristo: aquela espécie de exército secreto, que recruta em toda parte, que se perpetua mesmo em tempos de decadência, que se dedica, se sacrifica, sem qualquer ideia de revolta ou mesmo de reforma, que incessantemente percorre a encosta de nossa natureza pesada, que assim testemunha em silêncio que o Evangelho é sempre fecundo e que o Reino já está entre nós.

Além disso, sem distinção, toda a Igreja, esse imenso rebanho do povo cristão, cujos membros são tão pouco conscientes do sacerdócio real que possuem e da comunidade fraterna que formam entre si. Nessa comunidade, no entanto, encontro meu apoio, minha força e minha alegria. Esta Igreja é minha mãe. Foi assim que eu a conheci, no colo de minha mãe carnal, e foi assim que, em cada etapa de minha peregrinação, eu a conheci.

Em minha jornada, por meio de eventos e situações, cuja análise seria infinita, aprendi a reconhecê-la melhor. Sua experiência, ela me diz, permitiu que ela crescesse, ao longo dos séculos, em sua percepção da Verdade que lhe foi revelada: minha própria experiência, minha modesta

vivência, posso dizer-lhe, também me permitiu crescer, no decorrer de meus breves anos, em minha percepção do que ela é para mim e para cada um de seus fiéis, na inteligência de sua maternidade.

Essa palavra de mãe, a mais pueril, a primeira, ainda é a que melhor resume o conhecimento adquirido pelo adulto – por qualquer pessoa que tenha algum conhecimento do que são os homens e do que há no homem. A Igreja é minha mãe, porque ela me gerou para a Vida. Ela é minha mãe porque nunca deixa de me nutrir e, por menos que eu tente, de me aprofundar na vida.

E se, dentro de mim, a vida ainda é frágil e trêmula, fora de mim eu a contemplei, na força e na pureza de seu derramamento. Eu a vi, eu a toquei, de maneira inconfundível, e posso certificar isso a todos. Estou bem ciente de todas as críticas feitas à minha mãe: há dias em que meus ouvidos ficam ensurdecidos com elas.

Não quero fingir que todas elas são infundadas. Mas, diante das evidências que acabo de apresentar, todas essas censuras e todas as que gostaríamos de acrescentar a elas não têm força para sempre. Assim como ela está toda no sacramento, a Igreja está toda em um Santo. Pois aqui está o mar vigilante: se meus olhos nem sempre foram sensíveis a Ele, foi porque eu não sabia como olhar.

Eu não sabia como ver a beleza mais rara, a mais improvável, a mais desconcertante à primeira vista, porque é a mais inimaginável para o homem; não a perfeição humana acabada com a qual eu poderia ter sonhado, não a sabedoria consumada, mas uma beleza estranha e sobrenatural, que abriu terras desconhecidas e me desorientou totalmente, enquanto respondia a algum chamado até então secreto; a beleza que, mesmo que seu brilho tivesse iluminado em apenas um ser, daria testemunho a favor de sua fonte.

Toda a Igreja passou a ser santa: isso é o que nossos antepassados chamavam de mistério da anima ecclesiastica; essas duas palavras estão desgastadas e, portanto, intraduzíveis hoje, mas expressam uma realidade da qual a história da Igreja nos dá muitos exemplos e da qual nossa geração atual não está privada.

Felizes são aqueles que aprenderam com suas mães, desde a infância, a olhar para a Igreja como uma mãe! Felizes, ainda mais felizes, aqueles cuja experiência, qualquer que seja sua natureza, tenha confirmado essa primeira consideração! Felizes aqueles que um dia foram arrebatados, e o são cada vez mais, pela novidade inconcebível, pela riqueza